

# A DESOBEDIÊNCIA PROMETEICA E A LIBERDADE TIRÂNICA

PROMETHEAN DISOBEDIENCE AND TYRANICAL FREEDOM

73

Mellyssa Coêlho de Moura<sup>1</sup>  
Orlando Luiz de Araújo<sup>2</sup>

Enviado em: 14/08/2020

Aceito em: 20/02/2021

**RESUMO:** O titã Prometeu se tornou símbolo do nascimento da humanidade e da liberdade devido à sua maior façanha contra os deuses: o roubo do fogo negado aos homens e sua devolução para a manutenção de sua sobrevivência. Fruto de sua transgressão e desobediência, seu ato encontra justificativa na descrição tirânica e impiedosa de Zeus, que oprime a raça dos mortais. Diante disso, almeja-se analisar as motivações que culminaram na rebeldia do titã, dentre elas seu apego aos mortais e a tirania do pai de deuses e homens, para evidenciar que a *hybris* de Prometeu, embora desmedida, foi necessária para a sobrevivência da raça dos homens. Para isso, os estudos de Torrano (2009), Jaeger (1995) e outros, aliados à análise de *Prometeu Acorrentado* de Ésquilo, são empregados de forma a atender o objetivo proposto.

**Palavras-chave:** Prometeu. Transgressão. Tirania. Desobediência.

**ABSTRACT:** Once the titan Prometheus stole the fire denied to men and returned it to maintain their survival, he became a symbol of the birth of humanity and their freedom due to his greatest feat against the gods. Guided by his transgression and disobedience, his act finds justification in the tyrannical and merciless description of Zeus, which oppresses the race of mortals. Given this, this paper aims to analyze the reasons that culminated in the titan's rebellion, among them his attachment to mortals and the tyranny of the father of gods and men, to show that Prometheus' hubris, although excessive, was necessary for the survival of the race of men. For this, the studies of Torrano (2009), Jaeger (1995), and others, allied with the analysis of *Prometheus Bound* by Aeschylus are utilized to accomplish the proposed objective.

**Keywords:** Prometheus. Transgression. Tyranny. Disobedience.

## Introdução

O mito de Prometeu pode ser considerado um dos mitos mais representativos da cultura grega, refletindo temas que vão desde a criação do homem pela transgressão até a oposição rebelde e libertadora contra as ordens divinas. Entre suas diversas releituras, Prometeu se tornou símbolo do nascimento da humanidade e da liberdade devido à sua maior façanha contra os deuses: o roubo do fogo negado aos homens consequente da desobediência ao supremo e regente de homens e deuses, Zeus. Sendo essa transgressão pautada como necessária para o benefício dos mortais, que estariam fadados ao extermínio, a humanidade se consolida e se constitui então a partir da desobediência. Desse modo, confirma-se a premissa de Gros (2018, p.17) de que a humanidade fora nascida e criada a partir desse ato, assim “a desobediência constituiria nosso primeiro estado, nossa

<sup>1</sup> Universidade Federal do Ceará, Mestranda na área de Literatura Comparada do Programa de Pós-Graduação em Letras (UFC), e-mail: mellyssacm@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal do Ceará, Doutor em Letras Clássicas (USP), Professor Associado do Programa de Pós-Graduação em Letras (UFC), e-mail: orlando.araujo@ufc.br

O artigo proposto é auxiliado pela concessão de bolsa de estudo da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) que promove o apoio à pesquisa científica.

natureza”.

Titã que ousou confrontar as ordens de uma divindade superior, o relato de Prometeu é apresentado primeiramente pelo poeta grego Hesíodo (VIII-VII a.C.), em *Os trabalhos e os dias* e na sua *Teogonia*, como o titã trapaceiro, por ter ludibriado de Zeus. O pai e líder dos homens e dos deuses foi por ele enganado conscientemente em um sacrifício, ao ser induzido a escolher ossos disfarçados, deixando a melhor parte da carne para os efêmeros.

Uma vez enganado, a ira do filho de Cronos cai sobre os mortais, que padecem com o ocultamento do fogo. Prometeu então rouba o elemento proibido e o devolve para a humanidade, transgredindo diretamente à ordem de Zeus. É a partir dessa transgressão que a humanidade sobrevive, adquirindo a técnica (téchne) e constituindo sua cultura.

Nos relatos do dramaturgo grego Ésquilo (V a.C.) temos uma versão prometeica que segue Hesíodo, mas que não se limita a sua representação traiçoeira. O poeta ilustra no seu *Prometeu Acorrentado* não apenas os castigos e as lamúrias do titã, decorrentes de sua transgressão divina, mas também os benefícios dessa rebeldia para os frágeis mortais. Ésquilo retrata o feito do titã não como um puro ato de trapaça, mas como o responsável pela manutenção da sobrevivência dos mortais e de sua constituição como indivíduos. Prometeu é aquele que agiu puramente em benefício desses seres, desobedecendo não pelo prazer e pela glória do ato transgressor, ou para reforçar sua astúcia, mas pelo seu apego demasiado aos humanos.

A justificativa dos atos de Prometeu também encontra reforço através da caracterização do líder Zeus, que é apresentado em Ésquilo como um regente implacável e intolerante. Visto ao seu comportamento descrito pelo poeta como tirânico e impiedoso, Prometeu rompe sua obediência servil no momento em que decide pelo bem da raça dos homens ao invés da manutenção das ordens severas de Zeus. Com base nessa descrição tirânica de Zeus encontrada na tragédia esquiliana *Prometeu Acorrentado*, procura-se refletir sobre a desobediência do titã e de que forma ela se justifica na sua necessidade, além de como essa rebeldia prometeica perpetua o sonho de liberdade que persiste nas sociedades contemporâneas perseguidas pela tirania de seus líderes.

## 1 Prometeu e a *hybris*

Hesíodo delineia Prometeu como habilidoso na arte de tramar, possuindo astúcia e também pensamento curvo (*ankylometis*), tortuoso. Ao enganar Zeus na escolha do melhor sacrifício, o titã reafirma a sua astúcia (*μητις*, em grego), e propensão para a trapaça, para o ludíbrio. No entanto, Prometeu não fica isento de castigo, e Zeus, com maior astúcia ainda, pune o titã ao tomar o fogo dos mortais, a fim de que a raça preferida de Prometeu sucumbisse em sofrimento.

Não obstante a isso, Prometeu rouba o fogo proibido e o devolve aos mortais. Desta maneira, ele se impõe diretamente às ordens de Zeus, transgredindo-as em benefício dos homens. Essa atitude de Prometeu é considerada um excesso, um descomedimento, visto que ele age sem prudência e desafia uma lei divina. Podendo ser considerada um dos primeiros exemplos de desobediência, o termo para tal ato cometido se caracterizava como *hybris*:

Com este termo, intraduzível para as línguas modernas, os gregos entenderam qualquer violação da norma da medida, ou seja, dos limites que o homem deve encontrar em suas relações com os outros homens, com a divindade e com a ordem das coisas. (ABBAGNANO, 1970, p. 495)

Desobedecer e cometer uma *hybris* significa ultrapassar os limites da medida de cada um, causando um desequilíbrio e acarretando posteriormente uma punição. Quando Prometeu passa da sua medida, que diz respeito à sua afronta direta à decisão de Zeus, ele recebe seu infortúnio como forma de compensação e retorno ao equilíbrio. Tomado pela ira e pela cólera do ultraje e da desobediência, o Crônida age severamente:

E prendeu com infrágeis peias Prometeu astuciador,  
cadeias dolorosas passadas ao meio duma coluna,  
e sobre ele incitou uma águia de longas asas,  
ela comia o fígado imortal, ele crescia à noite  
todo igual o comera de dia a ave de longas asas.  
(HESÍODO, *Th.*, v. 521-5)

Uma vez que a desobediência se caracterizava como um ato tal que significava ultrapassar sua medida causando assim desestabilidade e desequilíbrio, a *hybris* era severamente evitada por todos que temiam sua punição. Sendo analisada a fundo, tal concepção pode acabar por reforçar o ideal de submissão necessário para a manutenção da ordem.

Hesíodo alerta sobre a punição proveniente da desobediência. O foco se mantém na rebeldia e na transgressão de Prometeu, que é retratado como merecedor de seu padecimento, resultado de sua impulsividade e desmedida. Deixando de lado os benefícios trazidos pelo titã aos mortais, a sua apresentação prometeica propõe uma advertência: é impossível escapar do castigo da *hybris*. Mais do que isso, o poeta transmite o ensinamento de uma mensagem clara, independentemente de sua astúcia, não se deve ir contra as ordens dos seres superiores, pois o resultado culmina em terríveis sofrimentos:

Não se pode furtar nem superar o espírito de Zeus  
pois nem o filho de Jápeto o benéfico Prometeu  
escapou-lhe à pesada cólera, mas sob coerção  
apesar de multissábio a grande cadeia o retém.  
(HESÍODO, *Th.*, v. 613-6)

O mito do titã descrito por Hesíodo adverte sobre os riscos da arrogância e da desmedida, ao mesmo tempo em que trata dos perigos do pensamento próprio e da superestimação dos poderes contra o de uma entidade superior regente. Dessa forma, Torrano (2009, p. 329) observa que o mito de Prometeu proposto por Hesíodo apresenta uma repreensão do comportamento rebelde do titã, reforçando sua característica de trapaceiro e ludibriador, bem como reforça o poder soberano de Zeus, que não tolera a desobediência e distribui castigos àqueles que se declararem transgressores de suas ordens:

[...] o relato desse jogo conclui explicitando que não é possível furtar nem preterir o “sentido de Zeus” (Diòs noon), nem escapar dele, e aí se contam as consequências das tentativas de Prometeu de trapacear ‘o sentido de Zeus’: a ambígua finitude para os homens mortais, na qual se contrapõem os quinhões de bens e de males (antes não discerniam Deuses imortais e homens mortais) e ‘tormenta e tripla vaga de males’ para Prometeu (primeiro – fulminado, lançado ao Tártaro, e – depois – a águia todo dia lhe devorava o fígado que se restaurava à noite).

O Prometeu de Hesíodo serve como reflexão da extensão da liberdade de ação, e até que ponto ela interfere na justa medida de cada ser. O que fica nítido é que toda desmedida é seguida de repreensão, e que os castigos de Zeus a quem interfere em suas ordens servem como exemplo para que mortais e imortais tenham a mão pesada do Crônida. Além disso, o mito prometido serve também “[...] para reafirmar que ninguém supera a astúcia e a inteligência de Zeus e, assim, reafirmar também a sua soberania: nem mesmo Prometeu, astuto por excelência, pode superar Zeus” (SAIS, 2018, p. 72).

## 2 Prometeu e a tirania

Ésquilo dá vida ao transgressor e permite que ele se justifique em seu próprio relato. Em

*Prometeu Acorrentado*, temos o momento da consumação do castigo de Zeus ao titã Prometeu, que é apresentado sendo aprisionado ao monte Cáucaso por Hefesto e por Crato, personificação do Poder. Sendo presenteado com o poder do discurso, Prometeu inicia sua jornada de lamentações pela punição que considera injusta, podendo compartilhar de sua dor com alguns transeuntes que vão ao seu encontro. Dentre as suas principais falas, é visível a sua indignação pela tirania de Zeus, que se mostra impiedoso e inflexível em relação ao seu castigo.

Nessa torrente, a partir na narração de Prometeu, tem-se que regência de Zeus, mesmo que podendo ser considerada benéfica aos seus seguidores, nem sempre era justa e igualitária, principalmente no que se referia aos efêmeros mortais. Prometeu então se revolta e age de forma a proteger aqueles que considerava menos favorecidos pelo Crônida, tendo em seu ato transgressor do roubo a justificativa no resultado previsto, os benefícios que traria para a sobrevivência dessa raça considerada inferior.

Prometeu (*Prométhéus*, aquele que vê antes) possui o dom da antevisão, da vidência, estando ciente das implicações de cada ato de transgressão, o que não o impede de desobedecer e se rebelar em prol do bem que ele considera trazer aos mortais. O titã aguarda o momento oportuno e age da forma que considera justa, mesmo sabendo que esse ato seria considerado uma desobediência passível de punição. É nesse viés que o pensamento acerca da submissão atual da sociedade à tirania proposto por Gros (2018, p. 22) se reforça, pois: “Ao mesmo tempo, a submissão pode trazer como seu reverso futuro uma promessa de revolta, de rebelião. O submisso espera sua hora. Ele espreita as fraquezas do senhor, está atento às fragilidades, às brechas, pronto para dar o golpe, virar o jogo”. A desobediência de Prometeu é a chave para a constituição do homem no mundo.

Reforçando o argumento sobre a caracterização de Zeus como um tirano, analisa-se que quase todos os personagens da tragédia de Ésquilo ressaltam em algum momento da peça a própria tirania do regente, como afirma Torrano (2009, p. 342):

Na construção de uma imagem de tirania operam e colaboram os diversos pontos de vista – de Poder, de Prometeu e dos muitos interlocutores de Prometeu, dos quais, todavia, resulta consensualmente uma descrição negativa de tirania como forma de governo. Se a tirania é intrinsecamente negativa, e Zeus se descreve como tirânico, a condenação implícita da tirania, vista como iníqua e intratável, não comprometeria, também a imagem de Zeus?

Logo no início de *Prometeu Acorrentado*, de Ésquilo, Crato anuncia que Prometeu está sendo castigado devido à sua desobediência à Zeus, pois “ele deve pagar sua pena aos deuses/ para que aprenda a aceitar/ a tirania de Zeus” (v. 9-11)<sup>3</sup>. Crato se mostra inflexível e não demonstra nenhuma compaixão com o infrator, julgando-o merecedor de seu castigo, uma vez que ele se rebelou contra as ordens do regente para defender a raça inferior dos homens. Aqui Crato representa uma extensão da tirania de Zeus, que pune severamente os que não aceitam suas ordens.

Em contrapartida, o acompanhante de Crato e o escolhido para agrilhoar o titã em seu castigo é Hefesto, que demonstra uma certa dubiedade e piedade acerca do castigo de Prometeu. Hefesto parece sentir dor ao aprisionar um dos seus semelhantes, deixando entender que cumpre tais desígnios forçadamente pelas ordens impostas por Zeus, “mas eu estou sem ímpeto para acorrentar um deus/ parente à força nesta escarpa de clima rigoroso. / Eu necessito de absoluta ousadia para isto/ é insuportável negligenciar as palavras do pai” (v. 14-7). Temendo sofrer do mesmo castigo proposto pelo tirano, o que resta é a sua obediência servil, pois “o espírito de Zeus é implacável” (v. 34).

Crato percebe quando Hefesto se apieda de seu parente, e logo repreende e condena a sua atitude, motivando o deus do fogo através do medo. Crato afirma rigidamente que ele deveria temer

<sup>3</sup> Todas as citações da peça *Prometeu Acorrentado*, de Ésquilo, presentes no *corpus* do texto, são de tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva.

os castigos de Zeus caso ele mostrasse relutância em cumprir suas ordens: “Como é possível não dar ouvidos/ às ordens do pai? Não tens mais medo disso?” (v. 41-2). Além disso, ele reforça que, independentemente dos laços que ele mantém com o prisioneiro, ele se tornou um inimigo de Zeus ao desobedecê-lo, logo não merece lamentações: “E tu outra vez hesitas e lamentas pelos inimigos/ de Zeus? Cuida para que não lamente por ti” (v. 67-8).

Crato ainda afirma a servidão de todos perante Zeus, uma vez que “ninguém é livre, a não ser Zeus” (v. 50). Nesse sentido, é interessante notar a submissão voluntária de Crato em sua fala, e de como ela engendra o sentido de que a extensão da liberdade existe até onde ela se choca com os poderes de Zeus Pai, sendo limitada pelo poder supremo e superior dessa entidade que rege o mundo com seu domínio infinito. Sobre isso, Torrano (2009, p. 343) propõe que:

A noção de Zeus Pai como fundamento de todo exercício de poder [...] engloba amplo leques de sentidos, do pior ao melhor [...] A ironia, no entanto, dá às margens aparentemente positivas de exercício do poder [...] o perverso sentido do poder usurpado pela tirania, definida como supressão de toda liberdade, exceto a do tirano.

A compaixão que Hefesto demonstra pelo seu parente e sua consequente repreensão mostram qual cruel e inflexível é o governo regido por Zeus, que se configura como uma tirania, e que se baseia na obediência servil de todos:

Minuciosa ênfase recai sobre as diversas peias, cadeias, cravos, grilhões, pregos, cunhas, cilhas e freios com que se prende [...] Insiste-se na compaixão de Hefesto por Prometeu e na afinidade e congeneridade que os une: são Deuses aparentados e companheiros, têm as mesmas atribuições. [...] Por que o senhor das cadeias se vê preso nas cadeias? Porque se recusa a participar da realeza de Zeus. Essa recusa de Prometeu tem nesse drama a aparente justificativa de que essa exclusão se deva a que o poder exercido por Zeus se deixa descrever como “tirania” [...]. (p. 331)

É nesse sentido que se pode afirmar que “O Zeus do Prometeu Agrilhado é a figura do moderno tirano” (JAEGGER, 1995, p. 298). Dessa forma, Prometeu representa não apenas a libertação dos mortais de seu destino de destruição aparente, mas a sua libertação das amarras da tirania. Assim, o titã é também “[...] interpretado como representante rebelde em seu ato de insubordinação contra o poder tirânico de Zeus” (COSTA, 2014, p.6).

Com a chegada do coro de Oceânides, Prometeu dialoga com elas acerca de seu castigo e das causas de sua punição. Além disso, ele esclarece também os motivos que o levou ao roubo do fogo, e os benefícios trazidos por ele aos efêmeros mortais. Diante da penúria do titã, o coro se solidariza e se compadecer ao ver o corpo de Prometeu “na pedra ressecando/com esses ultrajes nestas indissolúveis correntes” (v.148-9).

É interessante notar que, quando Prometeu reafirma o real motivo de sua precariedade atual, conjectura-se que o seu amor aos mortais é a causa principal de sua punição, sendo ele um ultraje muito mais superior ao do próprio ato do furto do fogo em si. A sua condenação é resultante do fato de ele ter se apegado aos mortais a ponto de cometer uma *hybris* em nome dessa raça inferior. Seu amor pelos humanos superou a sua própria obediência à Zeus:

Vede-me, um deus infeliz acorrentado,  
inimigo de Zeus, passando  
pelo ódio de todos os deuses  
que entram no palácio de Zeus,  
pelo excesso de amizade com os mortais.  
(v. 119-123)



O apego de Prometeu com a humanidade se torna perigoso a partir do momento em que ele interfere na sua condição de submisso e de servo de Zeus. No entanto, Prometeu demonstra que só interferiu no destino dos homens porque o filho de Cronos “não teve consideração nenhuma/ pelos miseráveis mortais, mas quis destruir/ toda a sua raça, porque precisava criar uma nova” (v. 231-3), afirmando ainda “E ninguém se contrapôs a isso, exceto eu./ Eu ousei. Liberei os mortais/ para que não fosses destruídos e enviados ao Hades” (v. 234-6).

O filho de Jápeto esclarece que ele foi o único a pensar na destruição que acometeria os homens, apiedando-se dessa situação e agindo de forma a garantir sua salvação. Sua fala suscita um comprometimento e uma amizade com essa raça, mas em momento algum parecer soar desrespeitosa à Zeus, ou a à sua liderança. Entende-se que o titã possuía amizade com ambas as raças, de deuses e de homens, e que sua desobediência teve como intenção apenas a salvação dos últimos. Se Zeus tivesse compreendido isso e juntado ao fato de Prometeu tê-lo ajudado na sua ascensão ao poder, talvez ele teria enxergado a situação com um olhar mais brando. No entanto, como o próprio titã afirma, “Com tais conselhos meus/ o tirano dos deuses se beneficiou/ e dá-me em troca estas terríveis dores. / Este pensamento existe assim/ na tirania, não confiar nos seus amigos” (v. 221-5).

É dessa forma que “Diante dos seus interlocutores, Prometeu mostra-se aflito e grande crítico do senhor do raio e dos outros deuses que imprimem aos mortais penas sem fins e grande violência” (ARAÚJO, 2018, p.10). Mais do que simplesmente afirmar a tirania imposta por Zeus, o titã delinea sua afirmativa através das justificativas que o levaram a sofrer os castigos impostos pelo líder dos deuses. Como afirma Torrano (2009, p. 334): “Na tragédia de Ésquilo, Prometeu, [...] arroga a si os designios de Zeus (não pode arrogar-se a realeza dele, já que não a exerce) e acusa-o de tirania e da moléstia que a infesta: por todos os seus benefícios a Zeus e por sua defesa dos mortais”.

Além de Prometeu, os demais seres que vão ao seu encontro parecem confirmar a regência titânica de Zeus. Oceano aparece brevemente na peça para aconselhar o titã: “Conheça a ti mesmo e adota novos modos/ há um novo tirano entre os deuses”, afirmando que “o monarca é rude e comanda sem prestar contas” (v. 309-10, 324). De maneira a tentar aplacar o espírito rebelde de Prometeu, Oceano o relembra sobre o autoritarismo do regente, que age de acordo com suas próprias leis. Da mesma maneira, o coro ressalta o orgulho e a arrogância de Zeus, pois “O filho de Cronos tem/ caráter irredutível e coração inflexível” (v. 184-5).

O que parece surpreender a todos é, no entanto, a resistência de Prometeu, que se mantém firme diante de todo o sofrimento que suporta. O próprio coro demonstra sua admiração pelo titã, que “por mil sofrimentos dilacerado. Ao não tremer diante de Zeus, / por vontade própria, honras/ os mortais em excesso, Prometeu” (v. 541-4). Diante de tantas condenações, o coro se apega à resistência de Prometeu, da mesma forma que ele se apegou à efemeridade dos mortais.

Inclusive, até a própria lamúria de Prometeu pode ser considerada um ato de transgressão e resistência, pois ele não se cala nem diante das extremas calamidades de seu castigo. Buscando a justiça que acredita residir na justificativa de seus atos, sua figura aprisionada ainda assim se revela em sua luta pela sua liberdade, “mas não posso me calar nem não calar essas desventuras” (v. 106-7). Disso o coro também está ciente: “Tu, ousado, mesmo com amargas/ angústias em nada ceddes/ e falas com demasiada liberdade” (v. 178-180).

Ésquilo mostra a tortura e o martírio do titã que se considera acusado injustamente. O poeta reimagina o mito de Prometeu apresentando o titã não apenas como transgressor e merecedor de sua punição, mas como aquele que foi contra o regimento autoritário e injusto de Zeus a favor do bem da humanidade. O Crônida é retratado então como um governante inflexível e cruel, punindo todos os que forem contra suas ordens diretas:

Qual dos deuses é tão coração  
duro que se deleita com isso?  
Quem não se indigna com teus males,  
à exceção de Zeus? Ele com rancor sempre  
se posiciona inflexível quanto ao pensamento,  
subjuga a urânica raça, nem cessará  
até que sacie seu coração, ou que alguém com uma manobra  
arrebate seu poder, que é difícil de conquistar.  
(v. 160-7)

Na passagem mencionada anteriormente, além de apresentar a inflexibilidade de Zeus com relação a punição de Prometeu, ela apresenta o deus como um tirano rancoroso e impiedoso, que age de acordo com sua vontade e em favor do benefício próprio, sem pensar no bem das demais raças, como a dos mortais. Ésquilo propõe não somente o compadecimento das dores do herói que buscou salvação para a humanidade, mas permite a reflexão sobre o poder abusivo e tirânico que perdura em todas as sociedades. Como diz o coro, “com novos costumes/ Zeus sem lei governa” (v. 149-8), e dessa forma muitos regentes perpetuam sua regência sobre os homens.

Prometeu não desobedece puramente por insolência, mas transgride as leis cuja legitimidade não beneficia a raça subjugada e indefesa dos homens. O titã obedece a lei da benevolência, do compadecimento aos menos favorecidos. Mesmo sabendo do sofrimento que receberia como retorno, Prometeu não cede a tirania e toma para si a dor do padecimento da humanidade. Dessa forma, “a desobediência, então, é a expressão de um desespero, uma provocação sem resposta” (GROS, 2018, p. 45).

Em análise contínua da mesma passagem anterior, ela é dita pelo coro da peça, que no final de sua fala traz um dos questionamentos mais importante da peça: “Que destino tem Zeus, exceto ser todo poderoso?” (v. 519). Mais do que os sofrimentos de Prometeu e dos mortais, o que desperta a curiosidade do coro é a probabilidade da queda de Zeus, mencionada pelo titã:

Sem dúvida, Zeus ainda, embora arrogante  
de espírito, será humilde, prepara-se  
para contrair núpcias que o derrubarão  
diminuído do trono e da tirania  
[...]  
Por isso, agora  
que ousado tome assento confiante nós estrondos celestes,  
e brandindo mas mãos o flamejante dardo.  
Nada disso lhe bastará para que não caia  
sem honra em tombos insuportáveis;  
[...]  
Depois de chocar-se contra esse mal, aprenderá  
o quanto é diferente governar e ser escravo  
(v. 907-910, 915-9, 926-7)

Quanto às previsões de Prometeu, a incredulidade do coro é nítida: “e esperar que alguém deva dominar Zeus?” (v. 930). A dominação de Zeus, acrescida de seu imenso poder e astúcia fazem com que a menção de sua possível queda seja, no mínimo, duvidosa. Apenas alguém com um poder ilimitado poderia se opor aos domínios de Zeus a ponto de derrotá-lo. Surpreendentemente, quando a jovem Io pergunta “por quem o cetro do tirano será tomado?” (v. 761) a resposta de Prometeu é bem simples: “por ele mesmo, pelas suas desajuizadas decisões” (v. 762). O poder da tirania facilmente se desfaz, como relembra Prometeu ao citar os tiranos anteriores a Zeus, que tiveram sua ascensão e queda. Da mesma sina padecerá Zeus, pois “o terceiro, o que agora reina, verei em desonra e rápido” (v. 958-9).

Na citação anterior, Ésquilo mostra que o que causa a queda dos governantes tiranos não é a superioridade de um novo concorrente, mas as suas próprias ações desmedidas. O líder que rege o povo com suas próprias leis opressoras e inflexíveis atrai para si os males de um povo que pode se revoltar a qualquer instante. São esses atos de rebeldia e de luta pela liberdade e pelo fim da opressão que findam qualquer tirania imposta, não importa a extensão do poder do tirano. Prometeu é o melhor exemplo disso, pois, “ao conceder a inteligência e o livre-arbítrio aos homens, o Prometeu de Ésquilo não lhes ensina a revolta contra os deuses, mas faz com que ela se torne possível” (BRUNEL, 2000, p. 756).

O titã de Ésquilo declara várias vezes o seu reconhecimento de Zeus como *týrannos*, quando ele se mostra opressor e nega a dignidade do homem de ser livre, quando se mostra irredutível e inflexível quanto aos seus castigos e sofrimentos, e também quando afirma que o Crônida se aproveita dos demais deuses para instituir seu regime de submissão e de tirania (v. 305). Em adição, o que parece causar tamanha consternação no titã não é somente a tirania do regente, mas aqueles que promovem a manutenção de seu poder autoritário. Imediatamente após o anúncio da queda de Zeus proferida por Prometeu, Hermes é enviado pelo seu líder, que teme a sua queda do trono e que ordena que o titã esclareça sua profecia rapidamente e sem trapaças, uma vez que “Zeus não é complacente com os do teu tipo” (v. 952).

Com a chegada de Hermes em seu rochedo, Prometeu anuncia: chega Hermes o “servo do novo tirano” (v. 942). Prometeu tem consciência de sua liberdade e não a trocaria pela obediência servil a uma entidade opressora, mesmo padecendo de seus castigos, estando aprisionado ao monte Cáucaso. Ele chega a comparar seu estado atual com o de Hermes, afirmando que “eu não trocaria meu revés/ por teu serviço, sabe claramente” (v. 966-7).

O titã ainda se mostra irritado com a servidão cega de Hermes, que segue veemente às ordens de Zeus sem ao menos questioná-las, negando dar-lhe atenção: “não te ouviria, sendo tu um servo” (v. 983). De forma a forçar a fala de Prometeu, Hermes apela para o terror dos castigos do Crônida, que não sente pena e nem se compadece com aqueles que não o obedecem, com aquele que “reage com violência e luta contra as rédeas” (v. 1010), pois “Aí de mim! Essa palavra Zeus não conhece” (v. 981).

A resposta de Prometeu é libertadora: “Venera, ora, adula sempre quem exerce o poder. / Para mim, Zeus importa menos que nada” (v. 940). O titã deixa claro que Zeus pode lançar todas as torrentes de males existentes sobre ele, mas ele não mais se curvará (v. 995) e também não mais lamentará, pois nem “persistirei em longa lamentação” (v. 1004), ne mesmo “por temer uma decisão de Zeus” (v. 1002-3). Uma vez descoberta a liberdade, ela não mais se permite ser aprisionada. A partir do momento em que o oprimido, preso nas garras da tirania, se liberta, seja pela desobediência ou pela transgressão, o tirano perde aos poucos os seus pilares de sustentação.

Aliada a desobediência, a rebeldia pode ser considerada o primeiro ato rumo a transgressão, que culmina então na liberdade, na alforria. Como Vernant (2008) ilustra, Prometeu é o único que está equipado para duelar em astúcia com a tirania de Zeus a ponto de desafiá-lo, assim a rebelião do titã passa a ser de caráter totalmente heroico e altruísta, transformando-o em um símbolo de resistência e liberdade. Através da representação tirânica e opressora de Zeus, “Pode-se dizer que essa caracterização negativa e condenatória da tirania precede e prefigura a condenação da tirania como o mais cruel e o mais injusto dos regimes políticos [...]” (VERNANT, 2008, p. 344), o que serve de justificativa ao ato transgressor de Prometeu.

A desobediência prometeica é reinterpretada como um ato de resistência e de bravura, que é transmitido à humanidade juntamente com o fogo. A imagem que se perpetua é a da força que age contra o ser dominante em prol do submisso, do indefeso. A sua revolta destaca também a força revolucionária da humanidade, que aclama a revolta de Prometeu que se reflete nos indivíduos como forma de resistência contra toda e qualquer forma de tirania.



## Conclusão

Dessa forma, ressalta-se como o mito de Prometeu é reinterpretado historicamente, sendo uma tópica constantemente retomada de distintas formas, tratando quase sempre temas relacionados a desobediência e a transgressão. Apresentando a regência de Zeus como tirânica e inflexível, facilmente se percebe o motivo da atribuição ao titã de símbolo de rebeldia e liberdade. Seja como forma de manutenção do controle ou de estímulo à luta contra a submissão, Prometeu carrega em seu bojo a liberdade como principal forma de revolta.

É apenas através da desobediência do titã que os mortais adquirem o conhecimento necessário para a manutenção de sua sobrevivência. E assim as gerações ressignificam o ladrão dos deuses como benfeitor da humanidade, que é ao mesmo tempo símbolo de luta e protesto contra a injustiça de uma entidade tirânica, contra a opressão existente contra os menos favorecidos. Prometeu é o rebelde que ultrapassou sua condição de submisso em benefício não de si próprio, mas do outro, se mostrando ainda mais poderoso que o seu soberano.

O que o mito nos apresenta, no entanto, é que essa atitude desmedida encontra suas justificativas nos fins, no propósito nobre de salvação dos oprimidos, dos subjugados. As lutas heroicas contra a submissão e a tirania se perpetuam nas narrativas como forma de lembrança para os leitores de que desobedecer implica sacrifício, sendo ele necessário para a conquista da liberdade. A liberdade é um rochedo no Cáucaso, é nosso dever nos agrilhoar a ela.

## Referências

- ABBAGNANO, N. **Dicionário da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ARAÚJO, O. L. de. Prometeu: benfeitor e naufrago da humanidade. In: ÉSQUILO. **Prometeu Acorrentado**. Tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Editora Martin Claret, 2018.
- BRUNEL, Pierre. **Dicionário de mitos literários**. Tradução de Carlos Sussekind. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- COSTA, A. A. A caracterização dialógica do herói em Prometeu Acorrentado de Ésquilo. **Revista Urutágua**, Maringá, n. 30, p. 83-96, jul. 2014.
- ÉSQUILO. **Prometeu Acorrentado**. Tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Editora Martin Claret, 2018.
- ÉSQUILO. **Tragédias**. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- GROS, F. **Desobedecer**. Tradução de Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- HESÍODO. **Teogonia**. Estudo e tradução Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- HESÍODO. **Os Trabalhos e os Dias**. Edição, tradução, introdução e notas de Alessandro Rolim de Moura. Curitiba: Segesta, 2012.
- JAEGER, W. *Paidéia: A formação do homem grego*. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SAIS, L. A. Posfácio. In: ÉSQUILO. **Prometeu Acorrentado**. Tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Editora Martin Claret, 2018.
- VERNANT, J-P. **Mito e Pensamento entre os Gregos**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.